

BYTE E O GRANDE LIVRO DAS INVENÇÕES

no universo de O Fantástico Laboratório do Jovem Percival

. . .

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

Raphael Martinez

*Romance de aventura para ler em família · 11–14 anos (6º–9º ano) · ~70 mil palavras · obra
concluída*

Carta de apresentação

São Paulo, [data]

À [Nome da Editora] — A/C [Editor(a) responsável / Recepção de Originais]

Prezada equipe editorial,

Passei mais de quinze anos dirigindo conteúdo infantil no Brasil — de 2021 a 2023, como diretor técnico da Vila Sésamo — e aprendi no ofício uma coisa só: o que prende uma criança numa página. Foi isso que tentei pôr neste livro.

Apresento **Byte e o Grande Livro das Invenções**, o meu primeiro romance — uma aventura para o leitor de 11 a 14 anos (6º ao 9º ano), para ler em família, com cerca de 71 mil palavras, concluído e revisado. Vem do mesmo universo do filme *O Fantástico Laboratório do Jovem Percival*.

Percival tem quinze anos e acredita que precisa dar conta de tudo sozinho. Quando a família falida se muda para o casarão do avô — um inventor recluso, o "velho maluco" da cidade —, ele força um laboratório lacrado havia décadas e, tentando salvar a família com as próprias mãos, dá vida por acidente a Byte: um robô de sucata, movido por um disco rígido que era do avô. Para protegê-lo de uma sociedade secreta que caça o Grande Livro das Invenções, Percival e uma turma de crianças desenterram a história enterrada da própria cidade — a Revolução Constitucionalista de 1932, o Túnel da Mantiqueira com suas marcas de bala reais.

Como referência de prateleira: *O Robô Selvagem* encontrando a Revolução de 1932, com uma turma à la *Os Karas*. Obra que se sustenta sozinha, com espaço para continuar.

Por que a [Editora]. [Motivo específico e real: a coleção/linha X de aventura juvenil; um título do catálogo que dialoga com este livro; a tradição da casa em obras premiadas pela FNLIJ. Citar nome — não elogio genérico.]

Sou Raphael Martinez, cineasta e educador nascido no Capão Redondo, fundador do Instituto Paulista de Cinema. Em 2026 fui selecionado para o SXSW com a palestra *Talent Has No Zip Code*. O mesmo universo é o longa *O Fantástico Laboratório do Jovem Percival*, contemplado pelo FSA, vencedor do edital de Cruzeiro e autorizado pela ANCINE. O filme e o livro caminham juntos; o livro se sustenta sozinho.

Anexo, conforme as orientações da editora, [o material solicitado: carta e sinopse / e, se aceite, prólogo e capítulo 1]. O manuscrito completo está à inteira disposição. Obrigado pela leitura.

Cordialmente,

Raphael Martinez

rmpan@gmail.com · (11) 97627-1023 · São Paulo/SP

Sinopse curta

Há um robô no coração desta história: feito de sucata, sem braços, capaz de amar uma família que não era para ser a dele. Percival vai criá-lo sem querer — e vai precisar aprender a não perdê-lo.

Percival, quinze anos, acha que precisa resolver tudo sozinho. Quando a crise arrasta a família falida de São Paulo para o casarão do avô — um inventor que morreu recluso, chamado de "o velho maluco" pela cidadezinha de Cruzeiro —, ele descobre, atrás de uma cortina de trepadeira, o laboratório que o avô lacrou em vida. Lá dentro está um livro de capa de couro cheio de máquinas impossíveis, e a promessa de uma invenção capaz de salvar todo mundo.

Tenta construí-la sozinho. A máquina explode — e da fumaça colorida se levanta Byte: um robô de sucata, sem braços, que não fala por palavras, só por luz e movimento, e que entra na vida deles e não sai mais.

Mas há quem persiga aquele livro há quarenta anos. Para proteger Byte e decifrar o segredo do avô, Percival e uma turma de crianças mergulham na história enterrada da cidade — uma guerra de 1932 que o país preferiu esquecer — e correm contra o tempo até a única noite em que tudo pode dar certo. Ou acabar.

A peça que falta para a maior invenção do mundo não é de metal. E não se encontra sozinho.

Sinopse longa

1932. Um garoto de quinze anos chamado Severino atravessa o Túnel da Mantiqueira no meio de uma guerra — a Revolução Constitucionalista, brasileiro contra brasileiro — apertando contra o peito um livro de capa de couro que lhe pediram para guardar e nunca abrir. Ele cumpre. E some da história por sessenta e sete anos.

1999. A família Dias quebra na crise do Real e perde tudo. Sem para onde ir, muda-se para a única coisa que sobrou: o casarão do velho Severino, o avô inventor que morreu sozinho no interior, em Cruzeiro, e que a cidade chamava de maluco. **Percival**, quinze anos, é o filho que aprendeu a dar conta de tudo sozinho — pedir ajuda, para ele, é confessar que não basta. A irmã caçula, Alice, oito anos, coleciona palavras difíceis num caderninho. Os vizinhos, Maria, dezesseis, e o irmão pequeno Lucas, sete, cuidam um do outro porque cedo aprenderam a não contar com adulto.

Atrás de uma cortina de trepadeira que virou parede, Percival encontra o laboratório que o avô lacrou em vida. Decifra uma equação que ninguém fechava, e a lousa gira, revelando um livro de capa de couro e uma pedra verde que muda de cor. O livro guarda invenções de gênios de séculos, e no meio delas uma máquina diferente, com um recado do avô: *"esta não separa, esta junta."* Falta-lhe uma peça que não é de metal, escondida numa palavra grega que ninguém ali sabe ler.

Desesperado para salvar a família, Percival constrói a máquina sozinho. Ela explode. E da fumaça colorida se levanta **Byte**: um robô de lata e sucata, sem braços, com o disco rígido do avô por coração e luzes no peito que mudam de cor conforme o que ele sente. Byte não fala por palavras — comunica-se por luz, som e movimento — e vira, em três dias, o coração de uma família que se escolhe.

Mas há quem cace aquele livro há quarenta anos: Frida, uma velha que já foi historiadora e azedou até concluir que o conhecimento deve ser trancado a sete chaves, e seus dois capangas. Enquanto o cerco se fecha, as crianças seguem as anotações do avô como um mapa do tesouro e desenterram a verdade: o avô foi o menino que carregou o livro pela guerra de 1932; a cidadezinha pacata foi capital de um conflito que o país varreu para debaixo do tapete; e o livro pertence a uma ordem secreta de inventores que escolhe um guardião a cada geração. A pedra verde é uma alexandrita capaz de guardar energia — a peça que faltava. E a palavra grega, decifrada pela pequena Alice no velho dicionário do avô, é **páthos**: emoção, amor. *"O amor é o ingrediente que faltava."*

A última pista leva ao coração da Ordem, escondido no túnel onde tudo começou, e que só se abre numa única noite de alinhamento da lua: 9 de setembro de 1999. As crianças chegam primeiro, atravessando o túnel das marcas de bala. Lá encontram um altar e um tesouro que é armadilha: quem chega por ganância se perde nele; quem chega por amor ao saber passa direto. Na última página da Ordem, uma frase que Percival lê e não entende.

Então os vilões chegam. A cobiça os devora. E um cabo de alta tensão despenca sobre as crianças.

Byte poderia se desligar e durar, como faz uma máquina. Não faz. Avança, recebe a descarga inteira para proteger a família, grita *"BYTE PROTEGE FAMÍLIA!"* e se apaga. Morre.

Ajoelhado ao lado do amigo, Percival finalmente entende a frase: a última peça da maior invenção nunca foi um objeto. É parar de tentar sozinho. *"Eu não consigo sozinho. Eu preciso de vocês."* Ele estende a mão. Maria, que nunca confiou em ninguém, é a primeira a segurá-la; depois Alice, depois Lucas. O pai chega correndo, reconhece nas palavras da Ordem a frase que o próprio avô lhe repetia menino, e fecha o círculo. A energia atravessa as mãos dadas e chega à pedra, e o que Byte deu sozinho volta multiplicado pelo círculo: Byte renasce, e a antena que nunca teve braço para abraçar ninguém se estica e toca a mão de Percival.

Frida foge com o livro nos braços — mas leva a casca e deixa a fruta: o livro só "acende" em mãos dadas, e ela não tem com quem. O pai, diante de um chão coberto de ouro sem dono, não toca numa única pedra: abraça os filhos, ergue Byte do chão e diz *"Acabou. Vamos pra casa."*

No epílogo, dias depois, três gemas que a pequena Alice guardou no bolso por serem bonitas resolvem, sozinhas, o dinheiro que ninguém foi buscar. E na edícula do avô, antes trancada e morta, agora escancarada, Percival recria o Grande Livro de memória — e, ao chegar ao fim, vira a página em branco e começa a escrever a parte que é só dele. *Às vezes, o que não resolve nada... resolve tudo.*

Gancho de continuação (potencial de série): Frida segue viva, com o livro mudo nas mãos. Um dia ela vai entender o que levou. E vai voltar.

Sobre o autor

Bio curta

Raphael Martinez é cineasta e educador, nascido no Capão Redondo. Dirige conteúdo audiovisual há mais de quinze anos — passaram de dois mil trabalhos, entre eles transmissões da Sala São Paulo e produções no MASP — e, de 2021 a 2023, foi diretor técnico da Vila Sésamo no Brasil. Fundou o Instituto Paulista de Cinema, escola de formação audiovisual mantida com a Prefeitura de Osasco. Em 2026 foi selecionado para o SXSW com a palestra *Talent Has No Zip Code*. *Byte e o Grande Livro das Invenções* é o seu primeiro romance.

Bio média

Raphael Martinez nasceu no Capão Redondo e fez do audiovisual e da sala de aula a mesma vocação. São mais de quinze anos dirigindo conteúdo — mais de dois mil trabalhos, das transmissões da Sala São Paulo às produções no MASP. De 2021 a 2023, foi diretor técnico da Vila Sésamo no Brasil, onde trabalhou com elenco mirim e com a exigência de fazer conteúdo infantil de alto padrão. Fundou o Instituto Paulista de Cinema, escola de formação audiovisual mantida com a Prefeitura de Osasco.

Faz filme e dá aula pela mesma razão: abrir, para outros, a porta que um dia abriram para ele. Em 2026 foi selecionado para o SXSW com a palestra *Talent Has No Zip Code* — talento não tem CEP. É a tese da palestra, a história dele e o que move o seu primeiro romance.

Byte e o Grande Livro das Invenções nasce no universo do longa *O Fantástico Laboratório do Jovem Percival*, contemplado pelo Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), vencedor do edital de cultura de Cruzeiro e autorizado pela ANCINE (Despacho 47-E/2025). Martinez é autor do livro, diretor do filme e titular de todo o universo.

Ângulo de imprensa

Um cineasta do Capão Redondo, que dirigiu a Vila Sésamo no Brasil entre 2021 e 2023, foi selecionado para o SXSW com uma palestra chamada *Talent Has No Zip Code* — talento não tem CEP. É a história dele e a do seu primeiro romance: uma aventura ambientada na Guerra de 1932, com um robô de sucata chamado Byte, que também vira longa-metragem (FSA, edital de Cruzeiro, ANCINE). A palestra e o livro dizem a mesma coisa.

Posicionamento e comparáveis

Ficha rápida

- **Título do livro:** *Byte e o Grande Livro das Invenções*. **Título do filme (mesmo universo):** *O Fantástico Laboratório do Jovem Percival*. São a mesma história em duas mídias, com títulos próprios: o livro lidera pelo personagem que vende (Byte); o filme, pela jornada do protagonista (Percival). Um reforça o outro, e nenhum depende do outro.
- **Autor:** Raphael Martinez — cineasta à frente da *Vila Sésamo* no Brasil, selecionado para o **SXSW 2026** (palestra *Talent Has No Zip Code*); o longa do mesmo universo é contemplado pelo FSA e venceu o edital de Cruzeiro. **Estreia na ficção literária** — notícia, não fragilidade.
- **Gênero:** aventura familiar infantojuvenil/juvenil, com camada histórica (Revolução de 1932) e ficção científica afetiva (o robô Byte)
- **Extensão:** ~70 mil palavras · ~250 páginas estimadas
- **Status:** concluído e revisado
- **Formato editorial:** obra **autônoma e completa**, com **potencial de série**

Público-alvo

11 a 14 anos — 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Posicionar para esse leitor, não para "8–12": o prólogo trata da guerra de 1932 (com a morte sugerida) e o clímax tem a morte e o renascimento do robô — material que pede o leitor de 11+. A leveza da dupla mais nova (Alice e Lucas) é alívio cômico, não rebaixamento de faixa. É, ainda, um forte **livro de leitura compartilhada:** a família lê junto, e o adulto encontra a própria camada na voz do narrador.

Comparáveis

Pitch de uma linha: "*O Robô Selvagem encontra a Revolução de 1932 — um Os Karas com o coração de Wonder.*"

- **Internacionais (o espaço emocional e de mercado):** *O Robô Selvagem* (Peter Brown) — robô + família escolhida, com filme; *Wonder* — o comovente sobre ser de fora e o sentido de família; um toque de *A Invenção de Hugo Cabret* (Selznick) pela mecânica, a nostalgia e a engenhosidade.
- **Nacionais (tradição e legitimidade de prêmio):** a linhagem **Pedro Bandeira / Os Karas** (turma de crianças, mistério, aventura, perseguição) somada à densidade literária de **Lygia Bojunga** (*A Bolsa Amarela*) e **Ana Maria Machado** — a prosa que circula em prêmios e na escola.

O comp comercial quente. *O Robô Selvagem* não é referência teórica: saiu em português pela **Intrínseca (2024)** e tem **filme recente**. Não é a promessa de repetir os números de um fenômeno com filme da DreamWorks — é a prova de que a **categoria vende AGORA, em português:** há leitor para a combinação robô + afeto + família. *Wonder* e *Os Karas* sustentam o prêmio e a tradição; *O Robô Selvagem* sustenta a planilha de vendas. (A Intrínseca, aliás, é editora-alvo natural por publicar exatamente esse comp.)

Gancho de venda

1. **Prosa de qualidade + tema com lastro.** Uma voz autoral distinta (o narrador onisciente cúmplice) e uma tese forte (o saber só acende em círculo de mãos dadas), ancorada em memória histórica nacional — perfil com potencial para programas de leitura escolar e para a seleção do **Selo FNLIJ** (a Guerra de 1932 é pouco explorada na ficção infantojuvenil).
2. **Personagem com forte potencial de licenciamento.** O Byte — sem braços, antena que abraça, peito que muda de cor, paixão por pipoca — é desenhado para capa, pelúcia, papelaria e tela. Perfil de catálogo de fundo (vende por anos), não só de pico de lançamento.
3. **Tração transmídia comprovada.** O mesmo universo é o longa-metragem *O Fantástico Laboratório do Jovem Percival*, já **contemplado pelo Fundo Setorial do Audiovisual (FSA)** e **vencedor do edital de cultura de Cruzeiro** — o que dá ao livro um evento de lançamento em construção e abre a hipótese de **lançamento casado livro + filme**. (O autor foi ainda selecionado para o **SXSW 2026** com a palestra *Talent Has No Zip Code*, reforço de imprensa para o lançamento.) A camada de acessibilidade nativa (a história já pensa Libras, audiodescrição e legenda) alinha o projeto a editais e a linhas editoriais de impacto.

A vantagem do filme / IP

Há um longa-metragem em desenvolvimento no mesmo universo (projeto audiovisual candidato a fomento). Isso é **alavanca, não muleta**:

- O livro é **obra autônoma e completa** — funciona inteiro, sozinho, sem depender do filme. O filme é **upside** (evento de lançamento, divulgação, licenciamento), nunca premissa.
- **Direitos:** o autor, **Raphael Martinez, é o criador da história em ambas as formas** (livro e filme), o que simplifica a conversa — mas o contrato editorial deve deixar claro, de saída, o que abrange (texto literário) e o que permanece com a produtora do longa (universo audiovisual, personagem para tela/merchandising). Trazer isso resolvido evita a única trava jurídica que um comitê levantaria.

Quarta-capa e textos de venda

. . .

Byte podia ter fugido.

É para isso que serve uma máquina: durar.

Mas Byte não é só uma máquina. É um robô feito de sucata e de tudo o que sobrou de uma família que perdeu tudo. Não tem braços. Não fala por palavras — fala por luz, por som, e por uma antena que nunca teve com que abraçar ninguém.

Quando Percival o construiu, achava que ia salvar a família sozinho. Não sabia que estava montando, com as próprias mãos, a única coisa que ia lhe ensinar o contrário.

Entre uma cidade com uma guerra enterrada, um livro que séculos de gênios não conseguiram terminar e uma noite em que tudo pode dar certo — ou acabar —, um menino vai descobrir a invenção mais poderosa do mundo:

a única que ninguém constrói sozinho.

. . .

Uma aventura sobre inventar, sobre perder e sobre as mãos que a gente precisa segurar para não cair. Para quem tem onze anos — e para quem um dia teve.

. . .

Varição curta

Byte é um robô de sucata, sem braços, que aprende a amar a família que o construiu por acidente. Quando o passado da cidade vem cobrar um segredo de quarenta anos, um menino que achava que dava conta de tudo sozinho descobre a invenção mais poderosa do mundo: a única que ninguém faz sozinho.

Frases soltas

- *"A invenção mais poderosa do mundo é a única que ninguém constrói sozinho."*
- *"Byte podia ter fugido."*
- *"A antena que nunca teve braço para abraçar ninguém."*
- *"Às vezes, o que não resolve nada... resolve tudo."*

Direitos autorais e propriedade intelectual

Esta nota responde, de uma vez, à pergunta que todo comitê faz antes de comprar: *de quem são os direitos, e há alguém no caminho?* A resposta curta: **uma só pessoa detém toda a propriedade intelectual e o livro, e é sócia e diretora do filme — não há terceiro no caminho.**

1. Titularidade — uma única origem

Sou o autor único e o titular originário de todos os direitos sobre a obra literária *Byte e o Grande Livro das Invenções*, nos termos da Lei nº 9.610/1998. A obra é **original e inédita**: não é adaptação de obra de terceiro, não tem coautor nem ghostwriter, não há agente, cessão, licença ou ônus anterior incidindo sobre o texto. A editora negocia com **uma única parte.**

2. Relação com o filme — obras irmãs, o mesmo criador

O mesmo autor concebe e dirige o longa-metragem *O Fantástico Laboratório do Jovem Percival*, produzido pela minha produtora, **Motiom Produções Visuais Ltda** (CNPJ 18.726.393/0001-80, São Paulo/SP), da qual sou **sócio e diretor. Sou o titular único de toda a propriedade intelectual do universo — incluindo o personagem Byte — e da obra literária.** Livro e filme nascem da mesma fonte criativa e da mesma pessoa. E há uma separação jurídica que joga **a favor** da editora: a obra literária é minha, pessoa física (Lei 9.610/98); a obra audiovisual e todo o seu financiamento correm pela produtora (pessoa jurídica, da qual sou sócio). São obras irmãs, não concorrentes nem litigiosas — e os contratos do filme estão num veículo separado, que não toca a edição do livro.

O que costuma travar um comitê é o caso inverso a este: aqui, **o livro não é uma novelização licenciada de roteiro alheio.** É obra literária autônoma, escrita pelo próprio criador do projeto audiovisual. Por isso, a editora **não precisa limpar, licenciar nem financiar direitos de tela** para publicar — esses direitos já estão sendo exercidos por mim, à parte, no filme.

3. O que a editora adquire — e o que o autor retém

À editora (objeto do contrato de edição): os direitos de **edição e publicação da obra literária** — impresso, e-book e audiolivro —, em território, idioma e prazo a negociar, nos termos usuais de um contrato de edição.

Retidos pelo autor (fora do contrato de edição): os **direitos audiovisuais e de adaptação para tela**, a dramatização e o **licenciamento de personagens e merchandising** (incluindo o personagem **Byte**), que já estão em curso no projeto do filme.

Há flexibilidade, se for do interesse das partes, para uma cláusula de primazia ou cortesia editorial sobre um eventual livro *tie-in* do filme — ou sobre os próximos títulos, caso a obra vire série.

4. O filme é ativo, não passivo

O longa está **aprovado e em captação por órgãos oficiais** — prova de solidez do projeto: a ANCINE autorizou a captação pelo **Despacho nº 47-E, de 15/04/2025** (processo 01416.002593/2025-96), e o projeto foi selecionado pela chamada **BRDE/FSA — Produção Seletivo Cinema 2024** (inscrição 43558), com **R\$ 4.294.629,00 aprovados** (Fundo Setorial do Audiovisual R\$ 2.000.000; Art. 1º da Lei 8.685/93 R\$ 978.564,50; Leis Estaduais de Incentivo R\$ 978.564,50; recursos próprios R\$ 337.500) e prazo de captação até **31/12/2028**. O projeto venceu ainda o **edital municipal de cultura de Cruzeiro/SP** e foi **selecionado para o SXSW**. Para o livro, isso é um **motor de marketing e um calendário de lançamento já em marcha**: dá para coordenar a estreia do filme com o lançamento editorial, cada um alavancando o outro. É vantagem competitiva — não risco.

5. Garantias e uma ressalva honesta

Garanto a titularidade e a originalidade do texto literário e a inexistência de ônus sobre ele, e respondo por essa declaração no contrato de edição (a cláusula usual de garantia de autoria).

E há a prova documental: todo o **fomento ao filme** está formalizado em nome da produtora **Motiom Produções Visuais Ltda** (PJ) e incide sobre a **obra audiovisual** — a autorização da ANCINE (Despacho 47-E/2025), a seleção do FSA (BRDE/FSA, inscrição 43558), o Art. 1º da Lei 8.685/93, as Leis Estaduais de Incentivo e o edital de Cruzeiro financiam a **produção do longa**, não a edição literária. Como a obra literária é minha (pessoa física) e o fomento corre pela produtora (pessoa jurídica), os dois patrimônios estão **juridicamente separados na origem**: nenhum desses instrumentos alcança os direitos de publicação do romance. Coloco os comprovantes (ANCINE e FSA) à disposição para a due diligence.

6. Em uma frase, para o comitê

Uma só pessoa detém toda a IP e o livro, e é sócia e diretora do filme; a editora compra um **romance limpo, sem terceiros no caminho**, cujo filme **já está aprovado e financiado por fundos setoriais (FSA/ANCINE)**, **à parte** — risco jurídico mínimo, sinergia de lançamento máxima.